

G. F. NOGUEIRA PINTO

# TORMENTA

EDITORA PENALUX  
Guaratinguetá, 2024

## TÃO BREVE NOITE

Ela era uma moça de sorriso fácil, encantador. Mulher desenhada e esculpida por deuses inspirados e apaixonados, com olhos castanhos que intensificam a hipnose do olhar. Eu a admirava há meses, apreciando seu caminhar deslumbrante, seus cabelos ondulados dançando a cada passo.

Tinha sotaque arretado que trazia musicalidade e em suas notas – e curvas – eu me perdia facilmente. Mas era uma perdição sem medo, o encontro do inenarrável com o indizível. Mulher digna dos mais festivos cortejos.

Não me esqueço da sua risada, do seu cheiro de rosas-vermelhas e de como me fez sentir naquela noite a alegria perene de ter me encontrado, em vida, com uma musa. Criatura divina, mitológica, lendária, mas que, por uma noite – tão breve – saíra das lendas e entrara em meu mundo.

Eu estava lá, sentado, observando os casais apaixonados que só queriam ver o sentido da vida em um sábado à noite. Naquele recinto de esquina cheguei com antecedência para poder aguardar a pessoa que me prendia os pensamentos.

Logo veio. Andando pela lateral como se toda a rua fosse a sua passarela; como se a Lua fosse o seu holofote e todos nós, os seus espectadores. A majestosidade que sua presença exala enfeitiça até os mais experientes no jogo do amor.

Ela adentrou o bar, caminhou até o ambiente externo e rapidamente me visualizou. Levantei-me, olhando para o infinito de seus olhos. Cumprimentamo-nos com um abraço e puxei a cadeira para que se sentasse.

As conversas fluíam, as risadas eram dadas gratuitamente e nada mais importava. Os primeiros carinhos foram oferecidos, os olhares sinceros e acalentadores.

O prosador maldito que caminhava insólito e desesperançoso, por efêmeras horas, esquecera todo o resto. Andamos pelas ruas como se fôssemos donos da cidade, rodeados por grandes altivas de concreto e nos beijamos apaixonados sob aquele inesquecível luar.

O gosto dos seus lábios me embriagou de paixão e neles eu poderia residir eternamente. Morada doce e quente cuja ternura prendera meu coração ao menos por uma noite – tão breve – ou quiçá para mil noites mais.

Foi em seus lábios que vi a infinitude do universo. Como uma supernova, o toque potente e delirante de suas mãos me trouxe aquilo que todo pobre-coitado sonha: esperança. O propósito do caminhar diário, do pulsar incessante do coração, da mente e da vida.

Minhas mãos entrelaçadas em sua cintura, sua pele na minha, meu olhar perdido naqueles olhos castanhos. Do Parnaso à Pasárgada, de Troia à Ítaca, da Terra ao infinito das estrelas.

Uma noite tão rápida, tão fugaz quanto os ventos do outono. As palavras se perdem, mas a memória as encontra. Eu e ela, naquela mesa, saboreando o álcool que, como bálsamo, aquecia

e borbulhava nossos corações e eu me perdia a cada palavra dita, a cada risada melodiosamente exaltada; a cada sorriso perfeitamente dado, a cada toque suavemente depositado.

Que tamanha perfeição, obra dos deuses. Não é desta dimensão terrena – perversa, perdida, infame. A pureza crepitante da musa é sonho transformado em realidade que, ao menos por uma noite – tão breve – encarnou com contornos reais a criação mais magnífica deste pobre mundo.

Foi nesta ocasião que pude saber mais a respeito dela. Dos seus sonhos, das suas aflições, das suas vontades. Dos medos, dos gostos, dos objetivos. Uma personalidade rara e irreverente. Difícil se deparar com tamanha preciosidade.

E foi na hora de nos despedirmos que pude perceber minha maldição. Que eu jamais a esqueceria, que eu jamais deixaria de vê-la como minha musa. Os minutos finais esperando o carro chegar proporcionaram o sentimento de partida.

O aperto no coração ocasionado pela despedida, aquele sabor agridoce que se acopla à alma. A melhor noite da vida existiu apenas para que a pior partida também existisse. O fogo da paixão deixou de crepitar a lenha e passou a queimar nossa pele.

Quando ela partiu, beijou-me carinhosamente uma última vez. Deu-me mais uma oportunidade de sentir a poesia que eram os movimentos dos seus lábios. Sorrindo, virou-se de costas e adentrou o veículo.

Lá eu fiquei, naquela cidade estranha, de madrugada, cercado pelos arranha-céus. A Lua perdera seu brilho e a escuridão invadia as ruas e o meu coração. Sem a minha musa, a qual eu não sabia quando veria novamente.

Só me restou aproveitar os últimos minutos sentindo o gosto de sua boca e a maciez do toque deixado em minha pele. De volta à realidade, saí daquele oásis urbano e, desde então, não se passa um dia que eu não pense na obra divina que encontrei.

## INTERIOR

Era manhã. Uma manhã gélida de inverno, tão fúnebre quanto um cemitério. Nada se podia fazer a não ser pegar o datilógrafo e escrever. Escrever sobre tudo e sobre todos, ou até mesmo criar um universo só meu.

Sentado à pequena escrivaninha, em frente à cama, olhei para minha mulher, nua, dormindo recoberta de lençóis.

Graças à lareira, a casa mantinha-se aquecida, mas deixávamos a fresta da janela sempre aberta para a brisa matinal entrar. Com ela, o dia cinza penetrava o ambiente e deixava tudo com aquela sensação de calma, que a vida caminha devagar e bem paciente no interior.

Comecei a digitar, produzindo aquele som característico das teclas sendo empurradas para baixo. Minha mulher continuava a dormir e eu não conseguia deixar de reparar em seu corpo. Naquela noite, o amor havia esgotado todas as nossas forças.

Escrevi algumas páginas, mas nada muito produtivo. Era bem cedo, umas sete horas. Resolvi olhar pela janela e admirar o vasto campo que rodeava nosso lar.

Há algum tempo construímos nossa morada longe de tudo. Decidimos dar um basta na vida agitada da capital e viemos para o interior, para onde havia descanso e sossego e o barulho mais estridente era o de lobos-guará no topo da colina.

A casa ficava em um bosque de altivas e escuras árvores, de frente para um belíssimo lago que atraía diversos pássaros nativos. Para lá do bosque, montanhas se erguiam e abrigavam animais típicos da região.

Era uma vida muito boa e tranquila. Um pouco monótona? Sim, mas muito prazerosa. Sempre que queríamos alguma coisa, pegávamos o carro e nos dirigíamos à cidade. Cerca de meia hora de viagem.

Minha mulher acordou e veio até mim, despida. Fazia frio, mas aparentemente seu corpo estava em chamas. Sem hesitar, fui a passos lentos até o seu encontro e a levei para a entrada da casa, onde repousava um pequeno banco de marfim com vista para o lago e o bosque.

Tirei minha roupa e me sentei. Ao lado da cadeira havia uma compacta mesa. Peguei um whisky escocês, doze anos, e enchi o copo. Minha mulher, entendendo os sinais, sentou-se em mim, olhando para os meus olhos.

E assim passamos o dia, até a noite surgir no céu e os uivos ecoarem por toda a região.

## DESCONFIANÇA E MUDANÇA

Sou meio recluso. Tá, talvez eu seja inteiramente recluso. Só saio de casa para trabalhar no banco e ir à padaria; vez ou outra vou ao supermercado. Só isso que eu faço. Não vou ao cinema, não caminho pelo centro. Fico em casa.

Conheço meus vizinhos, mas não sei os nomes deles, e nem eles o meu. A única pessoa com que tenho certa intimidade é o dono da padaria que fica na esquina. O nome do cara é Mathias, sujeito bacana, honesto, trabalhador.

Conversamos toda vez que compro pão. Foi numa dessas idas que algo me aconteceu.

– Olha, Felisberto, olha essa buchada que minha sogra fez. É uma delícia! Pegue um pouco!

Mathias falava muito da sogra. Os dotes culinários da velha, segundo ele, eram fantásticos. Achei estranha a oferta dele.

– Pega, Felisberto, estou te dando um pouco. Você não vai se arrepender!

Fiquei pasmo. Apesar de conversar com o Mathias, o oferecimento daquela comida me deixou com a pulga atrás da orelha. Sou recluso, não confio em ninguém. Aceitei, voltei para casa e guardei a buchada na geladeira. Tomei café e fui trabalhar.



---

EDITORIA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

---

## *Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Dante MT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em fevereiro de 2024.

---